

Diálogos possíveis entre representações sociais e fotografia

Possible dialogues between social representations and photography

Nayara Cristine Carneiro do Carmo

 <https://orcid.org/0000-0001-9069-3258>

Regina Helena de Freitas Campos

 <https://orcid.org/0000-0001-6228-7076>

Luiz Paulo Ribeiro

 <https://orcid.org/0000-0002-4278-7871>

Valber de Resende Taveira

 <https://orcid.org/0009-0001-9639-9401>

Universidade Federal de Minas Gerais
Brasil

Resumo

Teoria das Representações Sociais, que têm sua gênese na Psicologia Social, vem sendo trabalhada em diferentes áreas do conhecimento, por meio de uma diversidade de métodos. Entre eles, observamos uma prevalência de métodos e instrumentos que privilegiam a oralidade. Na contramão, estudos com uso de imagens têm sido cada vez mais frequentes e, nesse sentido, surgem algumas questões: existem estudos sobre representações sociais e fotografia? A fotografia é usada como objeto ou como método? A fotografia pode compor alguma base teórica nesses estudos? A partir de uma busca com os descritores “representações sociais e fotografia”, em quatro idiomas, na plataforma *Scielo*, foi realizada uma revisão integrativa de literatura, de modo que foi possível avaliar como foi feito o uso da fotografia nesses estudos. Pudemos constatar que há duas abordagens nesses trabalhos: a fotografia como objeto de estudo e a fotografia como técnica metodológica. Em síntese, os trabalhos revisados convergem em relação ao interesse de explorar a fotografia não apenas como uma ferramenta metodológica, mas como um objeto de estudo relevante para as ciências sociais. Eles evidenciam como as imagens fotográficas podem ser usadas para acessar narrativas e experiências de diversos grupos sociais, tais como jovens, mulheres, pessoas com deficiência, profissionais de diversas áreas e migrantes.

Palavras-chave: representações sociais; fotografia; pesquisa qualitativa.

Abstract

Theory of Social Representations, which have their origins in Social Psychology, has been explored across different fields of knowledge through a diversity of methods. Among these, we observed a prevalence of methods and instruments that prioritize orality. Against the grain, studies using images have become increasingly frequent and, in this sense, some questions arise: are there studies on Social Representations and Photography? Is photography used as an object or as a method? Can photography form a theoretical basis in this studies? Stemming from a search using the descriptors “social representations and photography” in four languages on the Scielo platform, an integrative literature review was conducted to assess how photography has been used in these studies. We were able to observe two main approaches in these works: photography as an object of study and photography as a methodological technique. In summary, the reviewed works converge on the interest in exploring

photography not only as a methodological tool, but as a relevant object of study for the social sciences. They demonstrate how photographic images can be used to access narratives and experiences of diverse social groups, such as young people, women, individuals with disabilities, professionals from various fields, and migrants.

Keywords: social representations; photography; qualitative research.

A Teoria das Representações Sociais, que tem sua gênese na psicologia social, foi proposta por Serge Moscovici em 1962, a partir da obra seminal *La psychanalyse son image et son public* e, desde então, vem sendo trabalhada em diferentes áreas do conhecimento, entre elas a saúde, a educação infantil e escolar, estudos sobre a formação docente, estudos de gênero, classe e raça, entre outros. Ela possibilita um complexo diálogo sobre as formas de pensar, sentir e agir dos sujeitos em relação aos objetos, temas e processos vivenciados no dia a dia (Ribeiro & Antunes-Rocha, 2019).

Para Moscovici (2012), “as representações sociais são entidades quase tangíveis: circulam, se cruzam e se cristalizam continuamente através da fala, do gesto, do encontro no universo cotidiano” (p. 39) e estão impregnadas nas relações sociais, nos objetos produzidos e consumidos e também na comunicação. Ao formar uma representação sobre um objeto, o sujeito constrói e reconstrói cognitivamente sua forma de compreender a realidade, adequando esse objeto a sua história, aos seus valores, a sua rede de conhecimento e emoções e ao seu contexto socioeconômico e cultural.

Nesse mesmo sentido, Jodelet também diz como as Representações Sociais (RS) estão presentes na vida social e orientam as práticas das pessoas na sociedade. Para Jodelet (1993), elas são fenômenos complexos, carregadas pelas palavras, de modo que circulam nos discursos, estão solidificadas nas condutas e agenciamentos materiais ou espaciais e intervêm em processos como a difusão e a assimilação dos conhecimentos, o desenvolvimento individual e coletivo, a definição das identidades pessoais e sociais, a expressão de coletivo e as transformações sociais.

Dizer que as representações sociais orientam práticas permite indicar que, dependendo do tipo e do conteúdo de uma representação, identidades serão bem quistas ou malquistas, que projetos de governo serão valorizados ou não, assim como que determinados produtos serão desejados e comprados ou não, e que os sujeitos farão ou não aderência a padrões profiláticos, por exemplo. Mesmo que esses exemplos sejam pequenos ou localizados, é possível perceber a importância de estudar as representações sociais, ainda mais em um mundo em que há uma profusão de acessos à informação, da mesma forma que a verdade é um elemento de disputa.

Nesse caminho e apontando para o objeto deste artigo, sabe-se que, na produção do conhecimento científico, têm-se discutido cada vez mais a diversidade de técnicas e instrumentos nas pesquisas qualitativas, na tentativa de contribuir para a compreensão do objeto e do alcance dos objetivos. Dentre os caminhos possí-

veis, Sato (2009) ressalta a preferência pelos depoimentos orais em suas diversas modalidades, e associa essa propensão a uma forte tradição da prática clínica na psicologia, que tem o discurso como caminho para “acessar sentimentos, vivências, crenças, conhecimentos e pontos de vista” (p. 218).

Metodologicamente, nas pesquisas sobre representações sociais, também se encontra uma heterogeneidade de instrumentos. Entre eles, podemos citar questionários, testes de associação livre, grupos focais e entrevistas narrativas.

Os questionários estruturados têm como característica perguntas predefinidas, com opções de respostas fixas, e têm o objetivo de obter dados numéricos e estatísticos sobre o objeto. Já os questionários semiestruturados permitem aos participantes expressarem suas opiniões, crenças e experiências de maneira aberta, ao mesmo tempo em que garantem que todos os tópicos relevantes sejam abordados. Correia e Maia (2021) utilizaram ambos os tipos de questionário para conhecer as representações sociais do “ser indígena”, considerando as imagens e os significados compartilhados por não indígenas.

O teste de associação livre de palavras, como usado por Oliveira et al. (2019) com o objetivo de descrever a imagem da pessoa travesti revelada por enfermeiras(os), é uma técnica de pesquisa qualitativa utilizada para explorar representações mentais, atitudes e crenças de um indivíduo em relação a um determinado tema ou conceito. O pesquisador apresenta ao participante uma palavra estímulo, no caso da pesquisa citada, utilizou-se o estímulo “travesti”, e o participante é instruído a dizer a primeira palavra ou ideia que lhe vier à mente ao ouvir a palavra-estímulo.

Quanto às entrevistas narrativas, o pesquisador convida o participante a contar uma história sobre um determinado tema ou experiência relacionada ao fenômeno social que está sendo investigado, tendo como objetivo que ele expresse suas percepções, sentimentos e interpretações de forma livre e espontânea. Essa técnica foi utilizada por Carvalho (2017), que analisou as representações sociais presentes nas práticas artísticas e pedagógicas de professores que atuam em escolas do campo a partir de entrevistas narrativas.

Em grupos focais, por meio da interação em grupo, os participantes são incentivados a expressar opiniões, crenças, valores e experiências relacionadas ao tema em questão, com o objetivo principal de explorar e compreender como os indivíduos constroem, compartilham e negociam significados sobre um determinado objeto. Brito e Silva (2022) realizaram um grupo focal com profissionais de saúde da Rede de Atenção à Saúde do Rio de Janeiro, com o intuito de entender como esses profissionais percebem, reproduzem, elaboram e lidam com as representações sobre a população em situação de rua.

É possível constatar a prevalência de métodos e instrumentos que tendem a priorizar a oralidade e/ou a escrita, como os descritos acima. Isso se deve à natureza do próprio conceito de RS, que perpassa a comunicação e a interação

entre indivíduos.

Diante de tais questões e das incursões teórico-metodológicas sobre representações sociais, nascem questionamentos sobre a fotografia como objeto de pesquisa que pode expressar as RS e/ou como instrumento para acessar ou evocar significados possíveis nesses estudos. "Vivemos em um mundo hiper visual, onde a imagem exerce um papel fundamental de identificação, divulgação ideológica e socialização de significados" (Weller & Basalo, 2011, p. 284).

Uma fotografia pode ajudar e estimular os sujeitos a elaborarem narrativas e discursos, assim como organizarem percepções sobre objetos, processos e situações. Tendo em vista tais considerações, é relevante questionar: existem estudos sobre representações sociais e fotografia? Nesses estudos, a fotografia é usada como objeto de pesquisa ou como instrumento de coleta de dados? Ela pode compor alguma base teórica nesses estudos?

Em um grifo¹ de Henri Cartier Bresson, fotojornalista e desenhista francês, referência no universo da fotografia espontânea, ele diz: "Fotografar é, num mesmo instante e numa fração de segundo, reconhecer um fato e organizar com rigor as formas percebidas visualmente, que exprimem esse fato e o significam. É colocar na mesma linha de mira a cabeça, o olho e o coração" (Sesi, 2021). A partir dos dizeres de Bresson, percebe-se a fotografia como uma possibilidade dentre diversas manifestações das representações sociais, caracterizando-se por expressar a relação entre um sujeito e um objeto, atravessada por questões que envolvem razão, percepção e emoção. Isso porque uma representação social é sempre uma representação de alguma coisa e de alguém e, conforme Jodelet (2015), representações sociais são:

[...] um pensamento constituinte, cuja ordem classificatória, em geral latente, conjuga ressurgências do passado, empréstimos aos quadros das experiências coletivas – ambos mediatizados pela comunicação – e informações diretamente colhidos no vivido pessoal (p. 225).

Nesse sentido, algo parece comum entre o processo de construção das representações sociais e das imagens fotográficas: produção, interpretação e significação de um sujeito sobre um objeto.

Tendo essa analogia como ponto de partida (ainda que ousada), toma-se como método uma revisão sistemática da literatura, a fim de conhecer pesquisas e estudos que discorrem sobre a relação entre fotografia e representações sociais, com o intuito de analisar como a imagem fotográfica tem sido utilizada como objeto ou instrumento de pesquisa na captação, análise e interpretação das representações sociais.

Para Jodelet e Camargo (2022), "pouca atenção tem sido dada aos efeitos

¹ Grifo pessoal. Não localizada a fonte original, mas com registro na Sesi Editora SP, editora do livro "Henri Cartier-Bresson – Fotógrafo", com fotografias do fotojornalista realizadas pelo mundo.

das imagens na formação das representações sociais” (p.405). Almeja-se, com este estudo, contribuir para a construção de um panorama sobre o uso da fotografia nas pesquisas sobre representações sociais, fomentando a reflexão crítica sobre as potencialidades e os desafios inerentes a essa abordagem metodológica.

Fotografia e pesquisa

O primeiro registro da invenção fotográfica, tecnicamente falando, surgiu na França, em 1839 (em seguida a Inglaterra também reivindicou autoria): “um aparelho capaz de fixar imagens – obtidas no interior de uma câmara escura, por meio de uma folha de prata sensibilizadora, sobre uma placa de cobre” (Maya, 2008, p. 111). A grande demanda, inicialmente por retratos, gerou um aprimoramento da indústria de equipamentos e de materiais sensíveis. Com o tempo, segundo a autora, esses equipamentos foram ganhando cada vez mais portabilidade, de modo que a fotografia ganhou função social e tornou-se também instrumento de democratização, uma vez que representou um novo salto na multiplicação e na difusão da informação.

Aqui vamos nos ater ao uso da fotografia na produção do conhecimento, mais especificamente nas Ciências Humanas e com ênfase na psicologia, campo gênese das representações sociais.

Nas Ciências Humanas, a imagem foi mais frequentemente utilizada como ilustração do texto, focalizando uma dimensão visual imediata do que foi escrito (Leite, 1988). A autora faz um resgate e uma organização da fotografia em algumas áreas das Ciências Humanas. Os trabalhos históricos dão conta da fotografia no passado: “uma ordenação cronológica e espacial para atingir a possibilidade de uma leitura de conteúdo” (Leite 1988, p. 86). Há também a dimensão da comprovação e da verbalização de informações que não são atingidas no texto escrito. Na história oral, as fotografias têm sido utilizadas como um meio de reavivar a memória dos sujeitos de quem se solicita a história de vida ou como testes projetivos, técnica que vem da psicologia, “fazendo com que as mesmas fotografias desencadeiam lembranças e associações diferentes nos vários sujeitos da pesquisa” (Leite, 1988, p. 86). Na ciência política tem-se trabalhado com o lugar dos sujeitos nas fotografias “retoques, montagens e supressões de personagens e posições”. Nos estudos antropológicos e nos sociológicos, a fotografia tem sido utilizada desde a sua criação. Na sociologia, por meio de princípios sociológicos, se estabelecem explicações para a aparência das coisas. Desde a década de 1970, fala-se em “sociologia visual”:

Os sociólogos procuram, diante das fotografias, estudar os fatores sociais que influem na visão (por que pessoas, objetos e cenários aparecem dessa maneira), o que influencia a maneira de ver as coisas dessa forma e atribuir sentido ao que vemos (porque aparecem assim), qual é a natureza, papel e organização institucional do simbolismo visual na construção social da realidade (se deveriam ou

não aparecer dessa maneira) e quais os relances da natureza e da organização da sociedade que são revelados através da análise das imagens visuais (Leite, 1988, p. 88).

Leite (1988) demonstra como a sociologia problematizou o uso da fotografia como método em estudos da área: “passou-se a trabalhar com o problema da amostragem, da validade, da representatividade e da precisão com que a câmera capta um recorte da realidade social” (p. 87). Para Martins (2008), a entrada da fotografia no universo da sociologia e da antropologia é um terreno fértil de indagações, dúvidas e experimentos que tanto enriquecem o conhecimento produzido por essas ciências quanto alargam a consciência das limitações diante das técnicas já consagradas.

Já na psicologia, Justos e Vasconcelos (2009) relatam que as primeiras formas de usar a fotografia se relacionaram principalmente à “coleta de dados concretos e padrões” e que, aos poucos, ela foi sendo utilizada como um facilitador para a produção de sentido. Para Neiva-Silva e Koller (2002), o principal objetivo, ao se trabalhar atualmente com a fotografia na psicologia, é a atribuição de significado à imagem. Os autores, ao analisarem o uso da fotografia em pesquisas nessa área, identificam quatro principais funções: a) registro: a fotografia tem a função de documentar um fato, ela se torna um dado e o que importa é o conteúdo dessa fotografia. Não são levados em conta o autor da fotografia e nem seu observador; b) modelo: a partir da fotografia (pode ser de coisas, pessoas, objetos, símbolos etc.), são analisadas percepções, falas e reações de participantes de um dado estudo. O foco são as manifestações feitas pelo observador da fotografia e não a fotografia em si; c) autofotográfica: a fotografia é produzida pelos participantes da pesquisa, a fim de responder a uma questão específica e pode ou não ser analisada por eles mesmos. Aqui são considerados importantes tanto o conteúdo quanto o autor das fotos, assim como a sua percepção em relação às próprias imagens produzidas; d) feedback: há uma avaliação anterior dos participantes e eles são, em seguida, fotografados. Posteriormente, recebem as fotos que foram feitas de si e as avaliam com o objetivo de verificar/avaliar se houve alguma diferença da avaliação que foi feita de si anteriormente. A preocupação incide sobre o resultado que a fotografia do participante gera no próprio participante.

Algo comum a diferentes autores², nas discussões sobre o uso da fotografia, tanto como instrumento de pesquisa quanto como objeto, é que o ato de olhar demonstra uma interação entre a fotografia e quem a observa. Para Justos e Vasconcelos (2009), por exemplo, “uma fotografia, ainda que não seja uma imagem pessoal ou autoral, pode levar o observador a relacionar o que vê ali representado e seu mundo particular” (p. 771). No mesmo sentido, Leite (1988) diz que “o que se vê depende de onde se está e quando; ou seja, o que se vê é relativo à posição do fotógrafo e do observador no tempo e no espaço” (p. 85). Bachmann (2019),

² Mauad (2005), Leite (1988), Neiva-Silva e Koller (2002), Justos e Vasconcelos (2009).

por sua vez, afirma que “o resultado desta ‘colisão ótica’ é o confronto entre um sujeito que olha e o real que é capturado” (p. 121).

Mas será a fotografia uma representação fidedigna do mundo, da sociedade, dos fatos, dos sujeitos, dos acontecimentos? Pelo referencial construído até aqui, parece que não. No entanto, a fotografia está para além da sua origem automática (o produto da interação da luz com um suporte físico) e, para Mauad (1996), ultrapassa a ideia de analogia da realidade: é uma elaboração do vivido, o resultado de um ato de investimento e de sentido. Ela é uma construção ativa, moldada pela intencionalidade do fotógrafo, pelas escolhas técnicas e estéticas e pelo contexto social e cultural em que é produzida, mas também em que é interpretada, carregando consigo a subjetividade e os significados de quem observa.

“Entre o sujeito que olha e a imagem que elabora há muito mais que os olhos podem ver” (Mauad 1996, p. 74). É nesse “entre” que reside a possibilidade de as representações sociais serem elaboradas e capturadas.

Metodologia

A presente pesquisa configura-se como uma revisão integrativa da literatura, cujo objetivo é organizar e sintetizar o conhecimento disponível sobre o tema representações sociais e fotografia. Diferente de outros métodos de revisão, a revisão integrativa permite a combinação de dados de diferentes metodologias e fontes, como estudos quantitativos e qualitativos, teóricos e empíricos, ampliando a compreensão sobre o tema investigado.

Conforme Souza et al. (2010), a revisão integrativa é um método de pesquisa que permite incorporar uma ampla gama de estudos com diferentes delineamentos, possibilitando a síntese do conhecimento e a identificação de lacunas na literatura.

O objetivo central do presente estudo é analisar como a fotografia tem sido utilizada em pesquisas sobre representações sociais disponíveis no *Scientific Electronic Library Online*³ (SciElo), identificando se ela opera como objeto ou como instrumento de pesquisa. Como objeto, entende-se aquilo que será estudado, analisado. É o que se analisa. Como instrumento, entende-se o meio, a técnica pela qual se alcança o conhecimento sobre o objeto. É como se analisa.

A seleção de artigos se deu a partir do portal SciElo e sua análise foi realizada utilizando-se a plataforma Rayyan.ai. Todo o processo se deu de acordo com as seguintes etapas: importação das referências da base do SciElo; triagem a partir da avaliação dos títulos e resumos e organização nas categorias de objeto ou instrumento. Em seguida, os artigos selecionados foram lidos na íntegra para análise das relações entre fotografia e representações sociais. A seleção e a triagem dos textos foram conduzidas de maneira independente por dois pesquisadores, a fim de

³ O SciElo é um portal virtual cooperativo de periódicos científicos. Nele são disponibilizados textos completos publicados em periódicos científicos brasileiros e internacionais.

minimizar vieses e garantir a fidedignidade dos dados. Em casos de divergência, as decisões foram tomadas por consenso, garantindo maior robustez ao processo.

O portal SciELO foi escolhido por se tratar de uma das principais fontes de artigos científicos de acesso aberto. As buscas foram feitas usando os descritores "representações sociais e fotografia", "*social representations and photography*", "*representaciones sociales y fotografía*" e "*représentations sociales et photographie*".

A análise dos artigos selecionados foi realizada buscando identificar padrões, tendências e diferentes abordagens no uso da fotografia em pesquisas sobre representações sociais. A síntese dos estudos permitiu traçar um panorama do conhecimento produzido sobre o tema, bem como identificar lacunas e oportunidades para futuras pesquisas.

Representações sociais e fotografia

Na busca com os descritores "representações sociais e fotografia", em quatro idiomas, na plataforma *SciELO*, foram localizados 26 artigos, sendo 19 publicados em inglês, 13 publicados em português, 12 publicados em espanhol e nenhuma publicação em francês.

Embora os descritores utilizados estivessem voltados para a teoria das representações sociais, o resultado da busca retornou vários textos que não trabalhavam com essa teoria, mas foram mantidos por estarem dentro do campo das ciências humanas e, portanto, apresentarem similaridades metodológicas.

Em 17 desses estudos, a fotografia foi usada como objeto de pesquisa; em seis, foi usada como instrumento de pesquisa e, em quatro, foi usada como objeto e como método, como podemos verificar na tabela 1:

Tabela 1

Artigos no Scielo de acordo com os descritores "representações sociais e fotografia"

Artigo	Objeto	Inst.
Imagens e representações sociais: a fotolinguagem e photovoice na produção de dados sobre fenômenos de saúde	X	
Olhar cuidadoso: uma pesquisa visual com crianças		X
Sexualidade das pessoas com deficiência física: uma análise à luz da teoria das representações sociais		X
A sexualidade da pessoa com deficiência nas capas da Revista Sentidos: inclusão ou perpetuação do estigma?		X

Animatógrafo da guerra: Canudos e Contestado e a fotografia militar no Brasil		X
Na mira do olhar: um exercício de análise da fotografia nas revistas ilustradas cariocas, na primeira metade do século XX	X	
Fotografia e interdito	X	
<i>Cotidianidades transitorias: jóvenes migrantes centroamericanos en Tabasco y Chiapas, una historia en imágenes</i>	X	
<i>La fotografía invisible: identidad y tapas de revistas femeninas en la Argentina</i>	X	
<i>La recepción de la imagen. una reflexión antropológica sobre la representación del indio en México</i>	X	X
<i>Uses and meanings given by social actors to their personal photographs. methodological approaches between anthropology and history</i>	X	X
<i>De New York a Buenos Aires y del Hip Hop a la Cumbia Villera: El protagonismo de la imagen en los procesos de transculturación</i>	X	
<i>Relatos visuales de una "Arica Chilena": los magazines de la editorial Zig-Zag (1902-1930)</i>	X	
<i>In the hands of the photographer: the construction of representations of women and the personal feminine rostrum in century Mexican photography</i>	X	
<i>La materialización de la experiencia en el espacio urbano-turístico a través de las fotografías online Un Análisis en la Red Social Instagram</i>	X	X
<i>La representación del indio en las fotografías del antropólogo e indigenista Julio de la Fuente</i>	X	X
<i>Comics readers and readings: a visual history (years 1930-1950)</i>	X	
<i>Families and healthy lifestyle: a case study</i>		X
<i>Usos y significados sociales de la fotografía post-mortem en Colombia</i>	X	
<i>Fotoperiodismo en Venezuela: de "El Portañazo" a las protestas y las caras del hambre</i>	X	

<i>La fotografía en la investigación social: algunas reflexiones personales</i>	X	
<i>Códigos visuales de género y configuraciones sexuales evidenciadas en la fotografía</i>	X	
<i>Fotografía, medicina y corporalidad: el dispositivo de la imagen en las formas de aprehensión discursiva de la enfermedad</i>	X	
A escuta de imagens na pesquisa narrativa com jovens		X
<i>Representación visual de las mujeres migrantes en la prensa nacional chilena</i>	X	
<i>Fotografía publicitaria y configuración de imaginarios turísticos de pueblos mexicanos: Pueblos Mágicos en México</i>	X	
<i>Cuerpo transfronterizo: análisis visual de la serie M de Michoacán del fotógrafo Carlos Álvarez Montero</i>	X	

Os artigos apresentados permitem a elaboração de reflexões teórico- metodológicas sobre a utilização de fotografia como objeto ou método em pesquisas. Gomes et al. (2022) conseguem associar fotografia e representações sociais quando focalizam a dupla natureza da estrutura das representações sociais: uma conceitual e uma figurativa. Para isso, eles usam o que chamam de “photovoice”, um método participativo em que os participantes usam uma câmera para documentar suas realidades. Posteriormente, eles mesmos selecionam as fotografias que acham condizentes com o estudo, as contextualizam e descrevem ou contam histórias relacionadas a ela, permitindo aos pesquisadores identificar questões ou temas que emergem dessa narrativa. Os autores, que utilizaram a fotografia como objeto, constataram que ela permite acessar o que eles chamaram de “zona muda das representações”, a exemplo dos afetos e dos símbolos, e que “potencializam a apreensão da dimensão figurativa da representação, essencial na compreensão da elaboração do pensamento social” (Gomes et al., 2022, p. 6).

Luttrell (2021) usou a fotografia como método, para trabalhar com crianças suas representações de cuidado associadas aos papéis exercidos de acordo com gênero, raça, etnia e classe, questionando as representações dominantes e impostas. Segundo o autor, as fotografias tornaram visível o trabalho do cuidado amoroso, revelando como ele pode se expressar de formas diferentes, constituindo diferentes identidades ao longo do tempo. Além disso, as fotografias demonstraram “a dignidade e a qualidade de suas famílias e delas mesmas”(refutando os discursos dominantes de que eram “ruins”, desestruturadas ou problemáticas). Segundo o

autor, elas se esforçaram muito para representar a si mesmas como crianças “cuidadasas” e “bem cuidadas” (p. 49).

Carvalho e Silva (2021) usaram fotografias (de domínio público) que representavam pessoas com diferentes tipos de deficiência exercendo sua sexualidade, e pediram aos participantes para escolherem e descreverem a fotografia escolhida, relatando o porquê da escolha. Os autores partiram da premissa de que o que se entende por corpo é uma ideia construída socialmente, “por intermédio das relações, das percepções e das experiências” e, por isso, se caracterizaria como um objeto de representações sociais. A fotografia, nesse caso, foi o instrumento usado para acessar essas representações, que foram organizadas posteriormente em categorias temáticas: vida com deficiência e limitações; corpo com deficiência e autoimagem; relação sexual; casamento; reprodução; família. Os autores utilizaram o *software Interface de R pour les Analyses Multidimensionnelles de Textes et de Questionnaire (IRAMUTEQ)* para analisar os dados. Esse *software* de código aberto, baseado na linguagem R, é amplamente empregado em estudos sobre representações sociais, independentemente dos instrumentos de coleta utilizados (como questionários, entrevistas narrativas ou testes de associação livre). No referido estudo foi realizada a análise lexical dos dados das entrevistas, permitindo a organização e a interpretação objetiva e sistemática dos discursos. Conforme destacado por Camargo e Justo (2013), o *software* possibilita “diferentes formas de análises estatísticas sobre corpus textuais e sobre tabelas de indivíduos por palavras” (p. 513). Além disso, possui a capacidade de processar grandes volumes de dados textuais, garantindo replicabilidade e robustez às análises e permitindo a adoção de uma abordagem mista, que integra técnicas qualitativas e quantitativas.

Luiz e Numberg (2018) que também tomaram a sexualidade de pessoas com deficiência como objeto das representações sociais, usaram a fotografia de uma outra forma: analisaram imagens de pessoas com deficiência publicadas em duas capas da revista *Sentidos*, uma revista organizada bimestralmente, com conteúdo sobre inclusão, reabilitação e acessibilidade.

As capas de revistas também foram objeto de análise de Allochis (2014) para dizer sobre as representações sociais de mulheres na Argentina. Como objeto, o autor reconhece “as capas de revistas femininas como dispositivos discursivos” e como “ferramenta ideológica” na construção de imaginários. Em suas análises, Allochis (2014) discorre sobre a homogeneidade com que as mulheres são representadas, em conformidade com padrões estéticos e de moda internacionais, reflexos de uma colonialidade ainda presente, “colaborando no processo simbólico de redução das diversas identidades culturais a uma identidade única” (p. 61). Allochis (2014) também trabalhou com fotografia (em específico capas de álbuns musicais) para dizer sobre a “propagación-apropiación-hibridación” de territórios distintos e distantes. Para o autor, a globalização incide sobre o papel dessas imagens, criando, a seu modo, um ágil suporte comunicativo, e influenciando as práticas culturais e

sociais para além dos limites territoriais.

Ainda sobre as fotografias em meios de informação/comunicação, Zagal et al. (2016) analisam como a fotografia foi um veículo eficiente para o discurso do Estado e das elites no processo de incorporação dos territórios fronteiriços Peru-Chile, no final do século XX, contribuindo para a construção de discurso que transmitisse a ideia da incorporação como algo homogêneo e virtuoso, com representações de modernidade, desenvolvimento e civilidade.

Ivanova e Buron Rodriguez (2023) também apresentam uma análise que considera uma perspectiva de gênero e analisam o conteúdo de imagens fotográficas de mulheres migrantes publicadas em três meios de comunicação chilenos. Os autores reuniram 705 imagens de mulheres imigrantes em um período de quatro anos. Em suas conclusões, afirmam que a representação sobre os migrantes é produto de um correlato que os meios de comunicação produzem em relação ao contexto social e à contingência nacional e, portanto, representam uma construção dinâmica que produz e reproduz estigmas sociais. Para elas, a percepção, os preconceitos e estereótipos dos fotógrafos sobre os sujeitos retratados manifestam-se na construção da imagem por meio de elementos técnicos e estéticos.

No que tange a migração, Reyes Tovar, Miriam, e Macias, Eugenia (2023) usam a fotografia como objeto para investigar como os corpos fotografados se transformam em repositórios de memórias, territórios onde se inscrevem as vivências do deslocamento. Através da análise da série "M de Michoacán", de Carlos Álvarez Montero a utiliza a imagem como um meio de acessar o valor sensível dos corpos na migração, trabalhando as emoções vividas pelo sujeito fotografado. Para esses autores, a fotografia pode estimular a reflexão sobre a temporalidade, revelando como elementos do passado persistem no presente, além de gerar ambiguidades situadas, que ativam memórias latentes e experiências conflitivas.

No que tange a migração, Reyes e Macias (2023) usam a fotografia como objeto para investigar como os corpos fotografados se transformam em repositórios de memórias, territórios onde se inscrevem as vivências do deslocamento. Através da análise da série "M de Michoacán", de Carlos Álvarez Montero a utiliza a imagem como um meio de acessar o valor sensível dos corpos na migração, trabalhando as emoções vividas pelo sujeito fotografado. Para esses autores, a fotografia pode estimular a reflexão sobre a temporalidade, revelando como elementos do passado persistem no presente, além de gerar ambiguidades situadas, que ativam memórias latentes e experiências conflitivas.

Os estudos de Allochis (2014), Ivanova e Buron Rodriguez (2023), Reyes Tovar et al. (2023) e Zagal et al. (2016) analisam como a fotografia pode ser utilizada para representar e, por vezes, estereotipar grupos sociais, como mulheres, migrantes e comunidades fronteiriças. As pesquisas apontam a importância de considerar o contexto social, político e cultural na análise das imagens, bem como a influência dos fotógrafos e dos meios de comunicação na construção dessas representações.

Alvarado et al. (2023) realizaram um estudo sociocultural da fotografia jornalística na Venezuela, analisando imagens premiadas no *World Press Photo* e no *Pulitzer* por intermédio da contextualização social, política e cultural dessas imagens, da identificação dos autores e da análise do impacto e da difusão das fotografias. Segundo elas, a fotografia, ao documentar, descrever e interpretar a realidade, oferece diferentes pontos de vista e conecta sujeitos, espectadores, acontecimentos, pessoas e lugares. No contexto midiático, é frequentemente considerada uma prova irrefutável de existência, reafirmando seu papel na construção da memória coletiva. Para os autores, a fotografia (nesse estudo usada como objeto) não apenas se aproxima da realidade e expõe suas nuances e contrastes, mas também mantém viva a memória dos fatos e amplia seu impacto social.

Mauad (2005) e Rodrigues (2014) trabalharam com análise histórica de fotografias. No primeiro estudo, a autora analisou fotografias de duas revistas, *Carta* e *Cruzeiro*, do Rio de Janeiro, sobre costumes, cotidiano e comportamento. No segundo, a análise considerou o acervo fotográfico da Guerra de Canudos (1896-1897) e da Guerra do Contestado (1914-1916). Apesar de adotarem objetos de análise completamente distintos, em ambos os artigos os autores assumem que a fotografia, apesar de histórica, é produzida e lida a partir do jogo das relações sociais das quais fazem parte e das visões de mundo do sujeito produtor/leitor.

Ainda sobre pesquisas de cunho historiográfico, Henão-Albarracín (2013) analisou um arquivo fotográfico de retratos de corpos mortos tirados em Antioquia, Colômbia, entre o final do século XIX e o início do século XX, buscando identificar convenções e regras que determinaram a prática fotográfica de difuntos. O estudo contribui para a análise das relações entre fotografia e sociedade e, particularmente, entre a fotografia e uma representação social da morte, identificando convenções e regras da prática fotográfica que determinam comportamentos estéticos relacionados à morte. Em uma linha de pesquisa parecida, usando a fotografia também como objeto, Serrano et al. (2011) realizaram uma análise de fotografias do século XIX e de fotografias contemporâneas para identificar códigos visuais que perpetuam a desigualdade de gênero. A fotografia, aqui usada como objeto, favoreceu a análise da imagem a partir da história da arte, da perspectiva de gênero e da semiótica. O artigo conclui que os condicionamentos de gênero são transmitidos por meio de mensagens simbólicas presentes nas imagens, perpetuando estereótipos de gênero prejudiciais, a exemplo da configuração visual de objetos ornamentais que acompanham homens e mulheres, como emblemas de poder e representações de delicadeza, respectivamente.

Em um mesmo sentido, em uma de suas análises, Koury (2004) ressalta que “uma mesma fotografia representa uma infinidade de formas de apreensão e apropriação segundo os usos a que se encontra submetida” (p. 131). Em seu estudo, ele trabalha com o “interdito” e a relação com a fotografia, além de discutir representações do sofrimento social, suas apropriações para fins políticos ou morais

e discursos no mundo contemporâneo:

O objeto fotográfico, trabalhando na fronteira, na abrangência dos códigos morais e na especificidade dos códigos de interditos e de poluição, dentro de uma ideia de experiência abstrata, retrata situações de sofrimento na ambivalência entre abrangência e especificidade e na ambiguidade das regras morais e nas expressões poluidoras e interditas (Koury, 2004, p. 139).

Em uma proposta também historiográfica, conforme fizeram Mauad (2005) e Rodrigues (2014), Bastarrica Mora (2014) analisa, a partir de fotografias, as estratégias utilizadas por fotógrafos e mulheres mexicanas para a construção da representação da figura da mulher.

Ocaña-Ruiz e Capdepon-Ballina (2019), por sua vez, usam fotografias publicadas em redes sociais, em especial o Facebook, para analisar a construção de identidade de jovens migrantes em Chiapas, no México. A análise traz questões de gênero, de transição para a vida adulta, de organização coletiva e de "cotidianidades". Dentre as representações sociais, está a de migração como liberdade, ainda que o risco e a violência estejam presentes.

Manosso e Gândara (2016) também utilizam as fotografias postadas nas redes sociais, nesse caso o Instagram, como objeto de análise, a fim de compreender a experiência turística no espaço urbano da cidade de Curitiba, no Brasil.

Já Petroni (2009) trabalha a fotografia como método e como objeto das representações sociais. Essa dupla função se dá porque a autora, no âmbito do trabalho antropológico, pensa a imagem como instrumento etnográfico, além de destacar o papel formador que a imagem exerce em seus receptores. A centralidade do artigo está na premissa de que a fotografia é um fragmento e que pode mudar de acordo com o contexto de quem a observa. A autora selecionou fotografias do antropólogo Julio de La Fuente e conduziu entrevistas com base nessas fotografias, no sul do México, na comunidade zapoteca de Yalálag. Como objeto de análise, as fotografias de La Fuente são documentais e têm como característica, segundo a autora, a representação da diferença cultural. Como método, ela vai além de estabelecer marcadores sociais e culturais, sendo transformadas em um "baú de memórias", como ressalta a autora.

D'Angelo e Torricella (2012) também usam a fotografia como método e objeto, para produzir reflexões sobre o uso da fotografia nas ciências sociais. Em um primeiro momento, foi realizado um workshop de fotografias, com jovens dos subúrbios do sul da cidade de Buenos Aires, Argentina, em 2005. O workshop gerou oficinas de fotografias e entrevistas sobre os significados atribuídos a elementos como juventude, pobreza e favela. As autoras trabalharam ainda com fotografias de um mesmo grupo familiar/afetivo, que vão de 1940 a 1970 na Argentina, além de realizar entrevistas com esse grupo. Elas constataram que a imagem "operó en la vida cotidiana de los sujetos como un medio de construir subjetividades y relaciones filiales" (D'Angelo & Torricella, 2012, p. 142), permitindo (re)apropriações e

deslocamentos de princípios/valores socioculturais. Além das reflexões específicas suscitadas por cada caso em relação à fotografia, as autoras ressaltam que “sus usos y resignificaciones se complementan con la necesidad de contextualizar históricamente esos usos y sentidos” (p. 158), alertando sobre o perigo de transferir os seus próprios sentidos de tempo e cultura para as imagens analisadas. Para as autoras, também é importante levar em consideração as representações de quem produz a fotografia, bem como o contexto em que é produzida.

Gomes (2021) trabalhou com fotografias entre 1930 e 1950, período em que as revistas em quadrinhos se estabeleceram como um novo formato de publicação nos Estados Unidos. Para o autor, o consumo desse gênero “introduziu novas práticas e desestabilizou concepções bem consolidadas sobre o lugar social da leitura” (p. 55).

Utilizando a fotografia para compor os instrumentos de uma metodologia, Brenner e Carrano (2024) realizaram entrevistas narrativas, produções audiovisuais (foto e vídeo) e grupos de discussões para compreender processos de subjetivação e interações de jovens em seus contextos sociais. A análise também envolveu o uso de objetos de memória trazidos pelos participantes para ancorar suas narrativas. As imagens, tanto fotografias quanto vídeos, serviram como suporte para a narração biográfica e a representação de cotidianos, provocando reflexividade no processo de produção e narração. A utilização de imagens no diálogo com os jovens reforçou a importância de considerá-los intérpretes de suas próprias vidas.

Rodas (2024) examina imagens e discursos da prática médica na segunda metade do século XIX, a partir de fotografias médicas conservadas em arquivos da Colômbia e da Espanha. O estudo busca compreender as representações sociais de doença e as formas de ver e dizer sobre o corpo doente. O uso de imagens, incluindo a fotografia médica, teve a função de exibir o diferente e o alterado, visto como grotesco diante de um ideal de normalidade biológica e psicológica. Além disso, as imagens foram usadas como estratégia comunicativa na pedagogia médica.

Por fim, em seu estudo, Jelin (2012) ressalta que a fotografia constitui uma ferramenta poderosa na investigação social e reflete sobre seu uso na pesquisa social, explorando como as imagens podem estimular os atores sociais a construir e transmitir os sentidos de suas práticas. Segundo o autor, a fotografia também pode gerar silenciamentos e omissões, dependendo das relações sociais envolvidas.

Em síntese, os trabalhos revisados convergem no que diz respeito ao interesse de explorar a fotografia não apenas como uma ferramenta metodológica, mas como um objeto de estudo relevante para as ciências sociais. Eles evidenciam como as imagens fotográficas podem ser usadas para acessar narrativas e experiências de diversos grupos sociais, tais como jovens, mulheres, pessoas com deficiência, profissionais de diversas áreas e migrantes. Paralelamente, os artigos examinam de que modo as fotografias, em si mesmas, constroem e disseminam representações sociais e culturais sobre temas como gênero, trabalho, turismo, sexualidade,

saúde, identidade e memória.

Esses estudos também destacam a necessidade de considerar o contexto de produção, circulação e recepção das imagens, ressaltando que os significados atribuídos às fotografias são negociados e podem variar conforme as experiências, os sentimentos e os conhecimentos de quem as interpreta. Além disso, parte dos artigos aborda o uso da fotografia como um dispositivo de intervenção e reflexividade em pesquisas sociais, ressaltando seu potencial para fomentar o diálogo, a conscientização e a transformação social. Em conjunto, as análises revelam a riqueza e a complexidade da fotografia como meio de comunicação, expressão e representação, capaz não apenas de capturar e documentar, mas também de influenciar a maneira como percebemos o mundo e nós mesmos.

É importante ressaltar que nem todos os artigos tomam as representações sociais à luz do Moscovici ou da Jodelet.

Considerações finais

Em face do estudo aqui realizado, constatamos que, como instrumento de pesquisa, a fotografia colabora na comunicação, na expressão, na verbalização de significados e sentidos sobre um determinado tema por parte dos participantes e permite a construção de caminhos/chaves de compreensão de um dado conteúdo por parte do pesquisador, abrindo um leque de possibilidades para a exploração de dimensões subjetivas e multifacetadas dos fenômenos investigados. Sua análise se torna mais abrangente ao considerar não apenas o que é explicitamente mostrado, mas o que está implícito, tendo em vista as relações que estabelece com os elementos visuais e o contexto social, cultural e histórico. A subjetividade do pesquisador e do observador é valorizada, reconhecendo que a fotografia é sempre uma construção social e cultural, influenciada por valores, crenças e experiências individuais. O objeto de pesquisa, nesse contexto, não é estático, mas dinâmico e mutável, construído ao longo do processo investigativo.

Sob essa ótica, a interpretação de uma fotografia não se realiza de maneira neutra ou objetiva, mas é influenciada pelos sistemas simbólicos e culturais internalizados pelo sujeito (pesquisador/observador). Isso indica que a fotografia não serve apenas como um espelho da realidade, mas como um estímulo de esquemas cognitivos e categorias sociais já estabelecidas. Assim, a interpretação da imagem é feita a partir do conjunto de crenças, valores e normas que são compartilhados socialmente, os quais estruturam e orientam a percepção do objeto em questão. Dessa forma, a fotografia se insere em um processo dinâmico de significação, no qual o observador mobiliza suas representações sociais para dar sentido ao que vê, ancorando a imagem em marcos interpretativos já consolidados.

Quando a fotografia é analisada como objeto de pesquisa, o foco principal recai sobre a própria imagem, suas características intrínsecas, sua história, seus usos e seus significados. A análise, embora possa reconhecer os contextos socio-

culturais de sua produção, tende a ser mais estruturada e centrada nos elementos visuais que compõem a imagem. Portanto, não se volta para as subjetividades do fotógrafo, mas para a objetividade da imagem em si, embora reconhecendo que a interpretação da fotografia é sempre atravessada pela subjetividade do pesquisador.

A imagem, em sua essência, é uma representação visual de algo, e a fotografia, por sua vez, é um tipo específico de imagem. Apesar de sua natureza objetiva, como vimos nesta revisão integrativa, a fotografia também é carregada de significados culturais e sociais, e sua produção e interpretação variam de acordo com o contexto e os indivíduos. Mesmo que se queira, não é possível tirar uma foto sem sair de si, sem ter outro olhar que não seja o seu próprio, com suas marcas e suas representações sociais.

A fotografia, outrora um processo que exigia técnica e equipamento específicos, muitas vezes não acessível financeiramente para a maior parte da população, tornou-se uma prática onipresente nos dias de hoje. Nunca antes na história se fotografou tanto. Reconhecendo, de antemão, a desigualdade social, econômica e tecnológica em todo o mundo, sobretudo nos países do Sul Global, de forma geral, a multiplicação de *smartphones* fez com que fotografar, compartilhando objetos, momentos e pessoas, se tornasse algo instantâneo. A ampliação do acesso à fotografia e sua difusão em ambientes digitais transformaram-na em um dispositivo central na produção e na circulação de representações sociais.

Logo, a teoria das representações sociais nos ajuda a entender como as imagens, incluindo as fotografias, funcionam como pontos de referência que ajudam a materializar as representações sociais, tornando-as mais acessíveis e compreensíveis. Ratificamos o dito anteriormente, que a fotografia pode constituir um objeto e/ou um instrumento complementar e interessante nas pesquisas sobre representações sociais. Se antes a imagem fotográfica era predominantemente um registro documental, hoje ela opera como um mediador simbólico na construção de significados, atuando tanto na cristalização quanto na resignificação de esquemas representacionais compartilhados. Nesse sentido, a fotografia não apenas reflete uma realidade socialmente construída, mas também contribui ativamente para sua manutenção ou contestação, reforçando ou desestabilizando estereótipos, identidades coletivas e hierarquias simbólicas.

Assim, o ato de fotografar e compartilhar imagens, ao ser atravessado por dinâmicas sociais e relações de poder, assume um papel estruturante na forma como os indivíduos e grupos negociam e projetam suas representações no espaço público. Para pesquisas futuras, podemos refletir sobre a produção e a interação com a imagem a partir da inteligência artificial, a exemplo de imagens produzidas por equipamentos de realidade virtual e aumentada.

Referências

- Alvarado, M. D. M. R., Daza, J. P., & Mancinas-Chávez, R. (2023). Fotoperiodismo na Venezuela: de "El Porteñazo" às protestas e aos caras del hambre. *Palabra Clave*, 1. <https://doi.org/10.5294/pacla.2023.26.1.2>.
- Allochis, L. (2014). La fotografía invisible: identidad y tapas de revistas femeninas en la Argentina. *Cuaderno*, 47, 49-64.
- Allochis, L. (2014). De New York a Buenos Aires y del Hip Hop a la Cumbia Villera: el protagonismo de la imagen en los procesos de transculturación. *Ensayos*, 48.
- Bachmann, E. H. et al. (2019). Construção de conhecimentos por meio de representações fotográficas: aspectos semióticos e matemáticos da fotografia. *Revista Multidisciplinar de Ensino, Pesquisa, Extensão e Cultura do Instituto de Aplicação Fernando Rodrigues da Silveira*, 8(17).
- Bastarrica Mora, B. (2014). En manos del fotógrafo: la construcción de las representaciones de la mujer y de la fachada personal femenina en la fotografía decimonónica mexicana. *Relac. Estud. hist. soc.*, 35(140), 43-69.
- Brenner, A. K., & Carrano, P. C. R. (2024). A escuta de imagens na pesquisa narrativa com jovens. *Educ. Pesqui.*, 50, e274022.
- Brito, C., & Silva, L. N. da. (2022) População em situação de rua: estigmas, preconceitos e estratégias de cuidado em saúde. *Ciênc. saúde coletiva*, 27(1). <https://doi.org/10.1590/1413-81232022271.19662021>
- Camargo, B. V., & Justo, A. M. (2013). IRAMUTEQ: um software gratuito para análise de dados textuais. *Temas em Psicologia*, 21(2), 513-518. <http://dx.doi.org/10.9788/TP2013.2-16>
- Carvalho, A. N. I., & Silva, J. P. da. (2021). Sexualidade das pessoas com deficiência física: uma análise à luz da teoria das representações sociais. *Revista Brasileira de Educação Especial*, 27. <https://doi.org/10.1590/1980-54702021v27e0198>
- Carvalho, C. A. S. (2017). Representações sociais das práticas artísticas na atuação de professores do campo. [Tese de Doutorado]. Universidade Federal de Minas Gerais.
- Correia, S. B., & Maia, L. M. (2021). Representações Sociais do "Ser Indígena": uma análise a partir do não indígena. *Psicol. cienc. prof.*, 41. <https://doi.org/10.1590/1982-3703003221380>
- D'Angelo, A., & Torricella, A. (2013). Uses and meanings given by social actors to their personal photographs: methodological approaches between anthropo-

- logy and history. *Secuencia*, 85, 139-162.
- Gomes, I. L. (2021). Leitores e leituras de revistas em quadrinhos: uma história visual (anos 1930-1950). *Estudos Históricos*, 34(72). <https://doi.org/10.1590/S2178-149420210104>
- Gomes, N. N., Silva, J. G., Queiroz, A. B. A., Ferreira, M. de A., Apostolidis, T., & Silva, R. C. (2022). Imagens e representações sociais: a fotolinguagem e photovoice na produção de dados sobre fenômenos de saúde. *Esc. Anna Nery*, 26. <https://doi.org/10.1590/2177-9465-EAN-2021-0291>
- Jelin, E. (2012). La fotografía en la investigación social: algunas reflexiones personales. *Memoria y sociedad*, 16(33), 55-67.
- Jodelet, D. (1993). Representações sociais: um domínio em expansão. In Jodelet, D.(Org.), *Les représentations sociales*. Universidade Federal do Rio de Janeiro.
- Jodelet, D. (2015). *Loucura e representações sociais*. Vozes.
- Jodelet, D., & Camargo, B. V. (2022). Imagens e representações sociais. In Aliaga Sáez, F. (Org.), *Investigação sensata: metodologias para o estudo de imaginários e representações sociais*. USTA.
- Justos, J. S., & Vasconcelos, M. S. (2009). Pensando a fotografia na pesquisa qualitativa em psicologia. *Estudos e Pesquisas em Psicologia*, 3, 760-774. <http://www.revispsi.uerj.br/v9n3/artigos/pdf/v9n3a13.pdf>
- Ivanova, A., & Buron Rodriguez, L. (2023). Representación visual de las mujeres migrantes en la prensa nacional chilena. *Migr. Inter*, 14. <https://doi.org/10.33679/rmi.v1i1.2734>.
- Leite, M. L. M. (1988). A Fotografia e as Ciências Humanas. *BIB*, 25, 83-90. <https://bibanpocs.emnuvens.com.br/revista/article/view/89/84>
- Luiz, K. G., & Nuernberg, A. H. (2018). A sexualidade da pessoa com deficiência nas capas da Revista Sentidos: inclusão ou perpetuação do estigma? *Fractal*, 30(1).
- Luttrell, W. (2021). Olhar Cuidadoso: uma pesquisa visual com crianças. *Cad. Cedes*, 41(113), 44-55.
- Manosso, FC, & Gândara, JM (2016). A Materialização Da Experiência No Espaço Urbano-Turístico Através De Las Fotografías Online. Uma análise no Red Social Instagram. *Estudos e Perspectivas em Turismo*, 25(3), 279-303.
- Koury, M. G. P. (2004). Fotografia e interdito. *Revista Brasileira de Ciências Sociais*, 19(54). <https://doi.org/10.1590/S0102-69092004000100008>

- Mauad, A. M. (1996). Através da imagem: fotografia e história interfaces. *Tempo*, 1(2), 73-98.
- Mauad, A. M. (2005). Na mira do olhar: um exercício de análise da fotografia nas revistas ilustradas cariocas, na primeira metade do século XX. *Anais do Museu Paulista: História e Cultura Material*, 13(1), 133-174. <https://doi.org/10.1590/S0101-47142005000100005>
- Martins, J. de S. (2008). *Sociologia da Fotografia e da Imagem*. Contexto.
- Maya, E. E. (2008). Nos passos da história: o surgimento da fotografia na civilização da imagem. *Discursos fotográficos*, 4(5), 103-129, 2008.
- Moscovici, S. (2012). *A psicanálise, sua imagem e seu público*. Vozes.
- Neiva-Silva, L., & Koller, S. H. (2002). O uso da fotografia na pesquisa em Psicologia. *Estudos de Psicologia*, 7(2), 237-250.
- Oliveira, E. M., Oliveira, J. F. de., Porcino, C., Campos, L. C. M., Reale, M. J. de O. U., & Souza, M. R. R. de. (2019). "Corpo de homem com (tre)jeitos de mulher?": imagem da travesti por enfermeiras. *Interface*, 23. <https://doi.org/10.1590/Interface.170562>
- Petroni, M. (2009). La recepción de la imagen: Una reflexión antropológica sobre la representación del indio en México. *Aisthesis*, 46, 128-150. <http://dx.doi.org/10.4067/S0718-71812009000200007>
- Reyes Tovar, M., & Macias, E. (2023). Cuerpo transfronterizo: análisis visual de la serie M de Michoacán del fotógrafo Carlos Álvarez Montero. *Cultura y Representaciones Sociales*, 18(35), e0002016. <https://doi.org/10.22201/crim.20078110e.2023.3180>
- Ribeiro, L. P., & Antunes-Rocha, M. I. (2019). Identidades em movimento: estudos sobre discentes que se formam para atuar nas escolas do campo. In Nascimento, A. R. A. do; Gianordoli-Nascimento, I., & Antunes-Rocha, M. I. (Orgs.), *Representações Sociais, Identidade e Preconceito: estudos de psicologia social*. Autêntica.
- Rodas, H. C. (2024). Fotografía, medicina y corporalidad: el dispositivo de la imagen en las formas de aprehensión discursiva de la enfermedad. *Hist. cienc. saude*, 31. <https://doi.org/10.1590/S0104-59702024000100020>
- Rodrigues, R. R. (2014). Animatógrafo da guerra: Canudos e Contestado e a fotografia militar no Brasil. *Boletim do Museu Paraense Emílio Goeldi. Ciências Humanas*, 9(2). <https://doi.org/10.1590/1981-81222014000200008>
- Ruiz, S. I. O.; Capdepont-Ballina, J. L. (2019). Cotidianidades transitórias: jóvenes migrantes centroamericanos en Tabasco y Chiapas, una historia en imágenes. *Revista Cultura representaciones soc.* 13(26).

<https://doi.org/10.28965/2019-26-10>

- Sato, L. (2009). Olhar, ser olhado e olhar-se: notas sobre o uso da fotografia na pesquisa em psicologia social do trabalho. *Cadernos de Psicologia Social do Trabalho*, 12(2), 217-225.
- Serrano, H et al. (2011). Códigos visuales de género y configuraciones sexuales evidenciadas en la fotografía. *Revista Latinoamericana de Ciencias Sociales, Niñez y Juventud*, 9(2), 769-782.
- SESI. Serviço Social da Indústria (2021). Henri Cartier-Bresson: fotógrafo. SESI-SP.
- Souza, M. T., Silva, M. D., & Carvalho, R. (2010). Revisão integrativa: o que é e como fazer. *Einstein*, 8(1), 102-106.
- Weller, W., & Bassalo, L. de M. B. (2011). Imagens: documentos de visões de mundo. *Sociologias*, 13(28), 284-314.
- Zagal, R. R. et al. (2016). Relatos visuales de una "Arica chilena": los magazines de la Editorial Zig-Zag (1902-1930). *Diálogo Andino*, 50, 115-132. <http://dx.doi.org/10.4067/S0719-26812016000200009>

Nota sobre os(as) autores(as)

Nayara Cristine Carneiro do Carmo é doutora em Educação pela Universidade Federal de Minas Gerais. E-mail: nayaracampocsa@gmail.com

Regina Helena de Freitas Campos é professora aposentada da Faculdade de Educação da Universidade Federal de Minas Gerais. E-mail: reginahfc@terra.com.br

Luiz Paulo Ribeiro é professor da Faculdade de Educação da Universidade Federal de Minas Gerais. E-mail: luizpr@ufmg.br

Valber de Resende Taveira é mestre em Educação pela Universidade Federal de Minas Gerais. E-mail: valbertaveira@gmail.com

Data de submissão: 08.03.2025

Data de aceite: 22.03.2025